

ECOFEMINISMO NO AMAZONAS: MULHERES CONSTRUINDO SUA HISTÓRIA

por Francy Júnior, FPMM

Momentos de fortaleza, circulação de energias, pensares, saberes, práticas e conceitos do que vem a ser o ecofeminismo. Assim, e sob esse título, realizamos o Seminário, em 3 dias (de 24 a 26 de junho) de fluxo de estudos e partilha de conhecimentos.

Realizado na Casa Tartaruga, Manaus, o seminário teve como objetivo fortalecer e ampliar as articulações e lutas das mulheres no Amazonas através e a partir do Ecofeminismo, traçando novos caminhos coletivos.

Para debater conosco, convidamos as companheiras Graciela Rodriguez, coordenadora do Instituto Eqüit, da Frente de Justiça Socioambiental da AMB – Articulação Mulheres Brasileiras –, e a companheira Ivania Vieira, jornalista, professora da Universidade Federal do Amazonas, UFAM e militante da Musas. Ambas as feministas trouxeram uma análise da conjuntura internacional, nacional e regional político-econômica a partir da perspectiva ecofeminista. Nas falas, as provocações que estimulavam o debate e intervenções. Momento rico de conhecimento, coordenado por Tania Chantel, do Movimento de Mulheres Camponesas – MMC. O ato de ouvir nos possibilitou conhecer as ações ecofeministas praticadas no Amazonas, em uma metodologia da troca de experiências, nossas praticas em nosso chão. Seguindo o encontro, pudemos analisar os avanços do ecofeminismo, desafios para o Amazonas e futuras ações, como por exemplo: continuar a aprofundar o tema, formando grupo de estudos, fortalecer a frente de justiça socioambiental da AMB, buscar resgatar a essência das mulheres amazônicas com a terra, água e as ervas. Éramos 32 mulheres cheias de vontade de estimular as bases das organizações para fortalecer a luta das mulheres na Região.

Apoio: Fundo Casa, União Europeia, I. Eqüit e AMB

Organizado: FPMM e I. Eqüit.

Coordenação: Musas, UBM, MMC, Dandara e Uri Hi

OLIMPÍADAS PRA QUEM? VIGÍLIA DA DIGNIDADE



imagem: Mídia Ninja

Baseado na ideia da Dignidade como base para todos os direitos, o Comitê Popular da Copa e das Olimpíadas realizou uma série de eventos em ocasião das Olimpíadas Rio 2016, intitulados Os Jogos da exclusão. Dentre os eventos, no dia 01 de agosto, grupos ecumênicos e laicos a favor da tolerância religiosa se reuniram e realizaram a Vigília da Dignidade, no centro do Rio de Janeiro, chamando a atenção de muitos passantes.

A Vigília fez parte da semana de mobilizações no Rio de Janeiro em torno às Olimpíadas, que já não têm verdadeiramente um sentido olímpico e que, pelo contrário, trouxeram e aprofundaram na cidade a marca da lógica do capital com o encarecimento da vida na cidade, a especulação imobiliária, as remoções e a privatização dos espaços e serviços públicos, o continuado extermínio de jovens negros nas favelas, a militarização urbana etc. Situações, aliás, constantes dos megaeventos esportivos – como o Pan, a Copa das Confederações, a Copa do

Mundo e agora, as Olimpíadas 2016.

Assim, diversos movimentos sociais têm organizado mobilizações, e nós do Instituto EQÛIT, e em representação da AMB (Articulação de Mulheres Brasileiras), estivemos na Tenda e Palco montados na Cinelândia, afirmando o caráter de convivência ecumênica da Vigília, e de afirmação de valores e direitos para todos os seres vivos na perspectiva da construção de uma vida com dignidade.

As mulheres e o feminismo, especialmente a expressão das mulheres negras, estiveram presentes em diversas mesas e rodas de diálogo que contaram, dentre outras, com a presença das companheiras da AMB: Rogeria Peixinho (coordenadora da AMB), Adriana Odara Martins (membro da AMB e mãe de santo) e Daniele Braz, oradora que trouxe o posicionamento político da AMB no ato final.

Foi lindo ver o movimento plural, inter-religioso e tolerante construído na tenda.

Nas palavras da marcante presença de um representante da fé islâmica, que resumiram a vontade do conjunto dos presentes: “a harmonia e a convivência pacífica entre os povos”.

FSM 2016 Quebec,

9 a 14 de Agosto

Pela primeira vez, em 16 anos de existência, o FSM foi organizado em um país do Norte, o Canadá. A cidade de Quebec, entretanto, tem desenvolvido lutas atuais expressivas desde 2011, a partir dos estudantes, sindicatos, ocupações e outros movimentos da sociedade civil, tendo sido o Fórum, inclusive, organizado e impulsionado basicamente pelos jovens.

Dentro da programação, a AFM – Articulación Feminista Marcosur –, em parceria com a AMB, organizou a atividade **Diálogos feministas: a democracia na América Latina, crises e resistências desde uma perspectiva feminista**, onde cerca de 80 participantes puderam aprofundar uma análise acerca do momento crítico da democracia latino-americana e os novos desafios para construir processos de resistência à ordem neoliberal, patriarcal e racista. A mesa de abertura contou com Lilian

Celiberti do Uruguai, Gina Vargas do Peru e Rogeria Peixinho do Brasil.

Outro importante espaço onde participamos foi a oficina Movimentos e governos de esquerda na América Latina, que disponibiliza on-line os trabalhos apresentados na mesma e que permite que se veja o quão profundas são as discussões que acontecem em muitos países latino-americanos.

O balanço do FSM é ambíguo. Com cerca de 35.000 participantes e poucos dos países do Sul, devido à escandalosa negação de vistos do governo canadense, especialmente aos movimentos da África e da América Latina, foi possível perceber que os contextos mudaram nestes 15 anos, que as políticas e jogo econômico mudaram. E por isso mesmo fez-se evidente a necessidade de que os movimentos possam fazer uma análise nova, reavaliar as (novas) necessidades e demandas, atualizar os temas e agendas, correndo atrás de conter a avalanche de lama que a última (e longa) crise capitalista vem impondo, além de pensar qual mundo queremos agora, para além do retrocesso a recuperar...

a importância e real incidência do Fórum, incorporando os novos movimentos que surgem dos jovens e suas novas demandas. Apesar disso, o FSM continua a ser o único espaço que articula lutas globais, regionais e mundiais.

Ao contrário do que sempre acontece nos finais dos FSMs, o próximo local de realização não ficou definido, tendo sido proposta primeiramente a estratégia de que se realizem Fóruns regionais – como o FS Pan Amazônico, que acontecerá no ano que vem no Peru – e nacionais, para que posteriormente se organize novamente o FSM. Parece ser uma proposta acertada, que leva em consideração a multiplicidade de demandas e movimentos pulverizados, e que precisam fortalecer-se regional e localmente (porque a proximidade também é uma ferramenta a nosso favor), além de globalmente: um braço, fortalece o outro. E cada uma das iniciativas de unir, articular e fortalecer os movimentos sociais (especialmente no e do Brasil) neste momento crítico, é mais que bem-vinda, é urgente.

APOIO:

